

**O *ITINERARIUM* ESPIRITUAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS À LUZ
DA TRÍPLICE VIA DE SÃO BOAVENTURA**

[THE SPIRITUAL *ITINERARIUM* OF SAINT FRANCIS OF ASSISI IN THE LIGHT OF
THE TRIPLE WAY OF SAINT BONAVENTURE]

Frei João Mannes, OFM
joao.mannes@bomjesus.br

Frade Menor da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, São Paulo. Mestre e doutor em Filosofia, com especialização em São Boaventura, pela Pontifícia Universidade Antoniana, Roma, com os diplomas convalidados no Brasil pela PUC-RS. Atualmente é o presidente do Grupo Educacional Bom Jesus, Curitiba, PR.

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.7641](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.7641)

Recebido em: 09 de dezembro de 2024. Aprovado em: 09 de janeiro de 2025

Caicó, ano 17, n. 3, Edição Especial, 2024, p. 67-76
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.7641](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.7641)

Dossiê Boaventura de Bagnoregio – 750 anos na vida do pensamento



Resumo: Neste artigo, nos propomos a fazer algumas considerações sobre o caminho espiritual da vida de Francisco de Assis à posse da paz do coração em Deus. Na visão de Boaventura, o itinerário de Francisco para a perfeita união amorosa com Deus e com todas as criaturas não foi outro senão o amor ardentíssimo a Jesus Cristo pobre e crucificado. Os três caminhos da vida espiritual – purificação, iluminação e perfeição – são degraus que se implicam mutuamente na existência espiritual de Francisco de Assis.

Palavras-chave: Caminhos espirituais. Paz. Amor. Iluminação. Jesus crucificado.

Abstract: In this article, we propose to make some considerations about the spiritual path of the life of Francis of Assisi towards the attainment of peace of heart in God. In the view of Bonaventure, Francis' itinerary to a perfect loving union with God and with all creatures was none other than the most ardent love for the poor and the crucified Jesus Christ. The three paths of spiritual life – purification, illumination, and perfection – are steps that are mutually implicated in the spiritual existence of Francis of Assisi.

Keywords: Spiritual paths. Peace. Love. Illumination. Crucified Jesus.

INTRODUÇÃO

No ano de 2024, celebramos os 750 da morte de São Boaventura de Bagnoregio, ocorrida no dia 15 de julho de 1274, e o oitavo centenário da estigmatização de São Francisco de Assis, ocorrida em 1224, no Monte Alverne. Esses centenários oferecem-nos a oportunidade de recordar e compartilhar algumas reflexões sobre a vida e o *itinerarium* espiritual de Boaventura para a paz do coração, bem como sobre a tríplice via da experiência religiosa-mística de Francisco de Assis, que culminou na visão de Jesus Cristo crucificado na forma de um serafim alado.

Boaventura, além de um apaixonado discípulo de São Francisco, foi um teólogo e místico franciscano. Foi, antes de tudo, um “teólogo de joelhos”, pois, para que cheguemos ao conhecimento pleno e ao amor perfeito da Santíssima Trindade,

devemos principiar pelo exórdio, isto é, acercando-nos com fé do ‘Pai das Luzes’, dobrando os joelhos de nosso coração, para que ele, por seu Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo, nos dê o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, e com o conhecimento também o amor (*Brevil.*, prol. 5)¹.

Boaventura é lembrado, especialmente na história franciscana, como mestre de teologia – aliás, atuou como mestre de teologia na Universidade de Paris até 1257, quando foi eleito ministro geral da Ordem dos Frades Menores – e místico, sendo inclusive definido por Leão XIII como “o príncipe da teologia mística”. A vasta riqueza teológica e franciscana do ilustre filho de São Francisco está contida nos nove volumes da sua *Opera omnia*.

Como o sétimo sucessor de São Francisco na direção da Ordem, a exemplo do pai, anelava ardentemente por “aquela paz que ultrapassa todo o sentimento” (*Itin.*, prol. 1), anunciada por Jesus Cristo e da qual Francisco se fez novo apóstolo. Conforme atesta o próprio Boaventura, foi com essa inquietude fundamental que ele, em 1259, inspirado por Deus e por Francisco de Assis, retirou-se ao Monte Alverne “como a um lugar de repouso e com o desejo de degustar na solidão a paz do coração” (*Itin.*, prol. 2). Conta-nos que

num dia, enquanto [Francisco] rezava assim isolado e estava, devido ao excessivo fervor, todo absorto em Deus, apareceu-lhe o Cristo Jesus, pregado na cruz. À vista dele, sua alma se liquefez, e a memória da paixão de Cristo ficou tão profundamente impressa no íntimo do coração dele que, a partir daquela hora, quando lhe vinha à mente a crucifixão de Cristo, mal podia conter-se exteriormente

¹ Lista de Abreviaturas e Siglas utilizadas neste artigo:

1Cel – Primeira Vida, de Tomás de Celano;

2Cel – Segunda Vida, de Tomás de Celano;

Brevil – Brevilóquio;

Itin. – Itinerário da mente para Deus;

LM – Legenda Maior;

LTC – Legenda dos três companheiros;

prol – Prólogo;

RB – Regra bulada;

RnB – Regra não bulada;

Test – Testamento;

Tripl. via – Os três caminhos da vida espiritual.

O *itinerarium* espiritual de São Francisco de Assis à luz da tríplice via de São Boaventura
MANNES, OFM, Frei João

das lágrimas e gemidos, como ele próprio contou mais tarde familiarmente, quando se aproximava do fim (LM I, 5, 7-8).

A existência de Boaventura foi, sem dúvida, profundamente impactada e transformada pela experiência dos estigmas de São Francisco. É chamado Doutor Seráfico justamente porque, em todo o seu modo de ser, pensar e agir, se inspirou especialmente na experiência de amor de Francisco por Jesus Cristo crucificado, ou seja, no seguimento de Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado, que culminou na visão de Francisco do serafim alado na forma de crucifixo.

Impelido pelo desejo de experimentar a paz do coração e meditar sobre “o milagre acontecido com o bem-aventurado Francisco no silêncio do Monte Alverne – a visão de um serafim alado na forma de um crucifixo” (*Itin.*, prol. 2), Boaventura escreveu sua principal obra, o *Itinerarium mentis in Deum*. Para o Doutor Seráfico, o serafim alado simboliza o caminho que nos dispõe cada vez mais à posse da paz que Jesus veio trazer ao coração dos seres humanos. Assevera que “o caminho que nos conduz à paz não é outro, senão o amor ardentíssimo a Cristo crucificado” (*Itin.*, prol. 3). Em outras palavras, o caminho para a perfeita paz é o Filho de Deus, que,

subsistindo na condição de Deus, não pretendeu reter para si ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo por solidarismo com os homens. E, apresentando-se como simples homem, humilhou-se, feito obediente até a morte, até a morte de cruz (Fil 2, 6-8).

Por conseguinte, a paz que se desfruta no seguimento de Jesus Cristo não é a paz dos contratos humanos nem a paz como serenidade psicológica ou ausência de conflitos e contrariedades. A paz do coração encontra-se na perfeita união com Jesus Cristo, “o Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos” (Mc 10, 45). Ele é, por excelência, o Caminho de ascensão da mente para a contemplação de Deus fora de nós (*extra nos*), dentro de nós (*intra nos*) e acima de nós (*supra nos*) (Mannes, 2021).

Ademais, o *Itinerarium mentis in Deum*, conforme também indica o subtítulo desse opúsculo (*Speculatio pauperis in deserto*), tem o caráter essencial de uma especulação do “pobre no deserto”, ou seja, aquele que percorre o *Itinerarium* o faz pelo caminho do absoluto desprendimento, no qual Deus fala à intimidade da alma:

O pobre, à medida que faz o seu caminho pelo deserto, vai sendo agraciado com o dom do desprendimento absoluto e do recolhimento na perfeita solidão, onde Deus, enquanto o amado, ou melhor, o amante, fala à intimidade da alma, revelando-se a essa através de seu nome (FERNANDES, 2007, p. 177).

Portanto, o caminho para Deus é Deus mesmo, isto é, é o próprio Jesus Cristo, o Filho de Deus, que, “apresentando-se como simples homem, humilhou-se, feito obediente até a morte, até a morte de cruz” (Fil 2, 6-8). Esse processo de deixar-se possuir pelo espírito do Senhor e de assemelhar-se ao amor de Jesus Cristo crucificado foi muito bem delineado por Boaventura no tratado teológico-místico chamado *Os três caminhos da vida espiritual (De triplici via)*. Nesse opúsculo, provavelmente escrito nos meses que se seguiram ao *Itinerarium mentis in Deum*, em 1259, o Doutor

Seráfico indica o tríplice esforço que o ser humano é intepeado a fazer na sua caminhada existencial para Deus: a purificação, a iluminação e a perfeição.

A VIA DA PURIFICAÇÃO

No itinerário em/para Deus, a alma humana precisa, inicialmente, arrepender-se e libertar-se dos pecados que afligem a sua consciência. Por isso, “ó homem de Deus, começa, pois, por escutar as censuras de tua consciência, antes de elevares teus olhos para os raios da sabedoria divina que se refletem nos seus espelhos” (*Itin.*, prol. 4).

A escuta atenta de nossa consciência exige um profundo silêncio, que não é mutismo, não é ausência de palavras, não é fuga de si mesmo ou dos outros. Trata-se de um silêncio que é abertura e prontidão do coração e da mente para, humildemente, ouvir a voz de Deus que se revela ao coração e discernir nossas potencialidades, valores, virtudes e vícios. É preciso manter sempre a vigilância e o cuidado sobre o que pensamos, queremos e desejamos desde o fundo de nosso coração. Afinal, é a nossa vontade (intenção do coração) a fonte de nossos maus desejos, escolhas equivocadas e más ações.

O homem é um ser de desejos (*vir desideriorum*). Tornamo-nos aquilo que ardentemente desejamos, por isso somos chamados a olhar sempre no profundo de nós mesmos e examinar se nossos desejos estão purificados de qualquer forma de egoísmo e centrados unicamente no Sumo Bem. São normais os momentos de tentações, desânimos e cansaços, porém cabe ao homem ser senhor, e não escravo, de suas paixões e seguir a recomendação de São Francisco, isto é, que “nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador, Redentor e Salvador, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem” (RnB 23, 9).

Sem dúvida, conforme já destacamos, Francisco de Assis é exemplo de homem que se recolheu para a solidão da sua interioridade mais íntima; esse recolhimento não compactua com um “eu” ensimesmado, voltado só para si, para seus interesses próprios e mesquinhos, provocando, assim, discórdias, invejas, rivalidades e desordens de toda a espécie (Tg 3,16). O recolhimento de Francisco para dentro de si mesmo reconectou-o com a sua essência, com a verdade mais originária de sua alma, criada à imagem e semelhança de Deus (*Itin.*, prol. 2), bem como com todos os seres da criação, vestígios de Deus.

Contudo, para “arrepender-se do mal cometido, repelir as tentações diabólicas, e progredir de virtude em virtude até chegar à terra da promessa” (*Tripl. via*, I, 1), além da boa vontade, é imprescindível a graça da infinita misericórdia divina, que deve ser implorada com intensidade de desejo, com esperança e insistência, segundo nos inspira o Espírito Santo, “que roga por nós com inenarráveis gemidos” (Rom 8, 26). Boaventura adverte que “quaisquer que forem as nossas disposições interiores, para nada servem, se a graça não nos ajudar. Ora, o auxílio divino está sempre ao alcance daqueles que o pedem do fundo do coração com humildade e devoção” (*Itin.*, 1, 1).

Portanto, o caminho para a paz do coração é um contínuo processo de purificação, ou seja, é um constante esforço de renegar a si mesmo para tornar-se pessoa plenamente livre. Renegar-se significa sair da autorreferencialidade e libertar-se de todos os ídolos materiais e conceituais para, na pobreza radical do espírito, deixar-se habitar unicamente por Deus. Trata-se, então, de voltar-se para Deus a partir da raiz de si mesmo, lá onde se decide quem é e como quer viver. Enfim, à

medida que o ser humano entra no espaço da sua interioridade mais íntima, redescobre a sua relação ontológica com Deus e suas criaturas.

A VIA DA ILUMINAÇÃO

Para progredir no caminho à perfeição no amor, é imprescindível deixar-se iluminar e guiar pela inteligência iluminada pelo esplendor da verdade, que é o Filho de Deus. Ele é o esplendor da luz primeira e inacessível de Deus Pai e, “se caminhamos na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1,7). Mediante a iluminação divina, a alma humana é capaz de ver com clareza os pecados que cometeu, implorar a misericórdia divina e receber as graças prometidas por Deus aos que O amam e O procuram de todo o coração.

A existência humana, na visão de Boaventura, é um caminho, uma peregrinação, um contínuo vir a ser o que ainda não somos até que cheguemos ao nosso ser mais verdadeiro. A existência humana é um processo de expropriação e de transcendência rumo a Deus. Expropriar de si mesmo, de sua própria vontade, para que Deus realize em si seu bem-querer, é, sem dúvida, o mais árduo e exigente de todos os caminhos. De fato, não basta o esforço humano para deixar de pôr a confiança no ter, no poder, no saber, para, livre e desapegado dos bens materiais, encontrar a segurança unicamente em Deus.

Na dinâmica da desapropriação no seguimento de Jesus Cristo pobre e crucificado, é imprescindível que o próprio Deus nos ajude, nos “puxe” para o alto. Por isso, Boaventura convida-nos a estar primeiramente com a mente voltada para a Paixão do Senhor, cujo sacrifício apaga o nosso pecado e aquieta o nosso coração: “Eu convido, pois, o leitor primeiramente ao gemido da oração, feita em nome de Jesus crucificado, cujo sangue nos purifica das manchas dos nossos pecados” (*Itin.*, prol. 4).

Por conseguinte, para Boaventura, é absolutamente necessária a oração no caminho da ascensão a Deus. “Princípio e fonte de nossa elevação a Deus” (*Itin.*, 1, 1), ela se constitui no trabalho de “voltar direta e intensamente a nossa alma para os raios da luz celeste” (*Itin.*, prol. 3) e nos deixar iluminar pela “luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo” (Jo 1, 9). A oração é a mãe e a origem da elevação (*sursum actio*) para o alto, ou seja, para a graça divina e para, incessantemente, ouvir com os ouvidos do coração e com o coração puro a Palavra do Filho de Deus encarnado, que ilumina a nossa mente e nos liberta de todos os males que afligem nossa consciência.

Segundo Tomás de Celano, Francisco de Assis é a personificação da oração. Não era um orante, mas a própria oração, pois, elevava inteiramente o seu espírito às realidades superiores: “totalmente transformado não só em orante, mas em oração, dirigia toda a atenção e todo o afeto ao Senhor” (2Cel 61, 95). Depois de sua conversão, passou a ser o homem do ininterrupto e íntimo diálogo com o Senhor, atingindo o seu ápice na configuração de Francisco a Jesus Cristo no alto do Monte Alverne. Ele percorreu um longo e paradoxal itinerário em seu relacionamento com Deus, ou seja,

sua oração é feita mais de silêncio do que de palavras, mais de expectativa do que de posse pacífica. É também uma luta, recheada de inquietude e busca constante: caminho entre sombra e luz; sede inexaurível e saciedade nunca satisfeita; grito de canto; saciedade e paz (FUSARELLI, 2024, p. 238).

Portanto, no caminho de ascensão a Deus, sob a Luz que dissipa as trevas da ignorância, do pecado e da sombra da morte (Lc 1, 79), somos continuamente interpelados a superar a autossuficiência, o individualismo e a indiferença e dar lugar ao Espírito do Senhor em nossas vidas (RnB 23, 9). A verdadeira espiritualidade franciscana consiste em estar em comunhão amorosa com o Senhor Jesus e viver a partir do seu Espírito.

O desapego de todas as coisas não significa um afastamento ou uma fuga do mundo sensível; pelo contrário, à medida que o ser humano “vende tudo o que tem e distribui aos pobres” (Mc 10, 21) e deixa-se iluminar e inflamar pela Palavra iluminadora de Deus, ele experimenta o vínculo íntimo existente entre Deus e todas as criaturas. No “deserto interior”, vislumbra-se o mistério da presença de Deus, como Ser e Sumo Bem, presente nas criaturas, e o mistério das criaturas em Deus. O Ser e Sumo Bem que se doa gratuitamente em cada criatura é um mistério parcialmente cognoscível, “pois, o encontro com esse radical outro exige um salto mortal, um radical abandono de si, algo como uma morte, perder-se no nada saber, nada ter, nada poder” (FERNANDES, 2007, p.159).

A VIA DA PERFEIÇÃO NO AMOR

Francisco de Assis, sob a inspiração do Espírito Santo, percorreu exemplarmente o caminho da abnegação que conduz ao repouso da paz (purificação), ao esplendor da verdade (iluminação) e à doçura da caridade (perfeição). Nesse percurso da “altíssima pobreza”, o Pobre de Assis tornou-se um verdadeiro amante e imitador do Filho de Deus, que, entregando incondicionalmente a Sua vida na cruz, revelou à humanidade que Deus é essencialmente amor.

Sim, Deus é amor e só é possível saber como Deus nos ama por meio do Seu Filho encarnado, Jesus Cristo. O específico do amor de Deus revelado por/em Jesus Cristo consiste em servir ao próximo. Jesus fez-se literalmente o servo de toda humana criatura, por amor de Deus, ou seja, Ele amou e serviu com a intensidade de amor com que Deus ama bons e maus, fortes e fracos, simpáticos e antipáticos, ricos e pobres, amigos e inimigos.

A ardente paixão de Francisco pelo infinito amor de Deus o fazia assim suplicar: “Pela suave e ardente força de vosso amor, desafeioai-me de todas as coisas que debaixo do céu existem, a fim de que eu possa morrer por vosso amor, ó Deus, que por meu amor vos dignastes morrer”. E, ressalta Boaventura, “esse amor penetrou tão vivamente a alma de São Francisco, que seus sinais se manifestaram no corpo, dois anos antes de sua morte, com os estigmas sacratíssimos da Paixão” (*Itin.*, prol. 3).

O profundo desejo que impulsionava o Pobre de Assis era o da caridade perfeita, isto é, por amor a Jesus Cristo crucificado, conformar-se totalmente a Ele. Assevera Boaventura que “o amor autêntico a Cristo transformou o amante na própria imagem do Amado” (*LM*, 13, 5). Assim, totalmente despojado de tudo e não se gloriando a não ser na cruz do Senhor, Francisco foi espiritual e corporalmente assinalado pelo amor do Crucificado:

O *itinerarium* espiritual de São Francisco de Assis à luz da tríplice via de São Boaventura
MANNES, OFM, Frei João

A paixão de Cristo, de quem deseja conhecer a acerba dor, deixa sinais em seu corpo, porque o amor nunca passa em vão. Ele é marcado pela dor e pela alegria ao mesmo tempo. É a Páscoa de Cristo que se imprime na sua vida e na sua carne (FUSARELLI, 2024, p. 240).

Essa transformação não foi um fato isolado no fim da vida de Francisco, mas o fruto maduro de um longo caminho que começou quando, certo dia, rezando na igreja de São Damião, teve a graça da visita e da fala do Senhor. Ajoelhado, diante de uma linda e enorme imagem de um Crucificado sereno, alegre, feliz e de olhos abertos, teve a experiência de que o Senhor estava olhando para ele. Foi então que ouviu a ordem: “Francisco, não vês que minha casa está ruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim” (LTC 3, 7-9). Testemunha Tomás de Celano que, “desde então, grava-se na sua santa alma [São Francisco] a compaixão do Crucificado e, como se pode julgar piedosamente, no coração dele são impressos mais profundamente os estigmas da venerável paixão, embora ainda não na carne” (2Cel 6,10).

Francisco de Assis compreendeu perfeitamente a vontade de Deus, isto é, que O amemos acima de todas as coisas e só pelo amor d’Ele mesmo e ao próximo com amor divino. Convinha, então, progredir nesse amor seráfico, porque só se chega ao perfeito amor do próximo “depois de haver chegado ao perfeito amor de Deus, por cujo amor se ama ao próximo, que só em Deus pode ser perfeitamente amado” (*Tripl. via*, II, 3). Nessa perspectiva, interpela-nos Francisco:

Amemos todos, de todo o coração, com toda a alma, com todo o pensamento, com todo o vigor (cf. Mc 12,30) e fortaleza, com todo o entendimento (Mc 12,33), com todas as forças (cf. Lc 10,27), com todo o empenho, com todo o afeto, com todas as entranhas, com todos os desejos e vontades ao Senhor Deus (Mc 12,30; RnB 23, 8).

Assim, totalmente absorto em Deus e impregnado do amor divino, Francisco convoca-nos a mostrar com as obras o amor que temos para com os irmãos e irmãs:

Amem-se uns aos outros, assim como diz o Senhor: Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Mostrem nas obras o amor quem têm para com os outros como diz o Apóstolo: Não amemos com palavras nem com a língua, mas em obra e em verdade (RnB 11,5-6).

As Fontes Franciscanas evidenciam que Francisco tomou como referência para as relações fraternas o modelo das mães. A mãe é incansável na sua doação, acolhe, cuida, está atenta e ajuda, é solícita, assume as dores dos filhos, não discrimina e é a última a perder a esperança. Nesse sentido, Francisco provoca e convoca os seus irmãos a ser mães e irmãos uns dos outros, pois, “se a mãe ama e nutre seu filho carnal, quanto mais diligentemente deve cada um amar e nutrir o seu irmão espiritual” (RB 6,8-9). Por isso, “cada um ame e nutra seu irmão, como a mãe ama e nutre seu filho” (RnB 9,11).

Entre as muitas expressões de amor maternal e de serviço ao próximo, destaca-se o cuidado ao enfermo, o qual deve ser servido como os irmãos saudáveis gostariam de ser servidos caso estivessem em semelhante situação. A propósito, Tomás de Celano destaca o amor, a paciência, a

simplicidade e a boa vontade dos seus irmãos de vocação no cuidado de Francisco em sua prolongada enfermidade:

Cada um era decorado por uma virtude. Um era de especial discrição, outro de singular paciência, outro de gloriosa simplicidade, outro robusto segundo as forças do corpo e manso segundo a natureza do seu espírito. Eles cultivavam a tranquilidade de espírito do bem-aventurado pai com toda vigilância, com todo empenho, com toda a boa vontade; cuidavam da enfermidade do corpo, não declinando angústia alguma, trabalho algum, mas se entregavam totalmente ao serviço do santo (1Cel 6,102).

Por fim, é importante considerar que o Amor daquele que nos amou por primeiro de forma absolutamente desinteressada, gratuita e livre, que nos criou e, por sua misericórdia nos salvará (RnB 23, 8), suscita em nós infinita gratidão e desejo infinito de corresponder ao Amor com um amor-serviço aos irmãos e irmãs. Quem se sente amado recebe a força do amor e por isso não tem como não responder com amor, isto é, amando e servindo a todas as criaturas. Francisco, tocado e inflamado pelo fogo do amor divino, foi ao encontro dos pobres e dos doentes, enfim, de todas as pessoas que se encontravam nas periferias geográficas e existenciais, para tocá-las e transmitir-lhes o amor, a paz e o bem que vêm do Altíssimo. No entanto, o amor de Francisco não se limitou às pessoas, especialmente as mais vulneráveis da sociedade, mas se estendeu a todas as criaturas, porque cada criatura, a seu modo, reflete a sabedoria, a bondade e a beleza do Criador.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, destacamos o itinerário espiritual de São Francisco como caminho para a paz do coração e para a comunhão amorosa com Deus e com todas as Suas criaturas. À medida que Francisco venceu a si mesmo e, no deserto da interioridade mais íntima do seu coração, deixou-se arrebatado pelo amor do Crucificado e centralizou toda a sua existência em Jesus Cristo encarnado e crucificado, tornou-se um *alter Christus*. Impregnado e transformado pelo “espírito do Senhor”, podia exclaimar com e como o apóstolo São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

Francisco de Assis, purificado, iluminado e inflamado de amor seráfico, escutou atenta e indistintamente todas as criaturas e serviu-as com grande humildade. Escutou o lobo de Gúbio, os peixes e os pássaros, e as criaturas todas, por sua vez, escutavam docilmente os seus sermões como se fossem dotadas de inteligência. Papa Francisco também destaca a importância de superar o narcisismo e escutar o outro, acolhê-lo, prestar-lhe atenção. O frenesi do mundo moderno nos impede de escutar bem o que o outro diz e o Papa lembra que Francisco é paradigma de atitude receptiva para todos nós. Ele “escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida” (Igreja Católica, 2020, p. 33).

Enfim, Francisco de Assis, estigmatizado pelo amor do Crucificado, podia desejar a todos a paz do coração e exortar todas as pessoas, especialmente seus irmãos no seguimento radical de

Jesus Cristo, à prática do bem e para que, como saudação, sempre dissessem: “O Senhor te dê a paz” (Test 23).

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, S. **Escritos filosófico-teológicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Pensamento Franciscano, n. 1).
- BOAVENTURA, S. **Itinerário da mente para Deus**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- BOAVENTURA, S. **Os três caminhos da vida espiritual**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- FERNANDES, M. A. **Pensadores franciscanos: paisagens e sendas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.
- FONTES Franciscanas e Clarianas. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FUSARELLI, M. **Francisco de Assis: uma vida inquieta**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). **Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.
- MANNES, J. **Experiência e pensamento franciscano: aurora de uma nova civilização**. Petrópolis: Vozes, 2021.